

Educação estética na Educação de Jovens e Adultos: A beleza de ensinar e aprender com jovens e adultos,
de Sonia Carbonell

1 ed. São Paulo: Cortez, 2012. 152 p.

Francisca Maria dos Santos

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Gestão e Práticas Educacionais
PROGEPE - UNINOVE
framfreedom@hotmail.com

O livro versa sobre a importância da Educação Estética, na perspectiva do olhar do aluno da Educação de Jovens e Adultos, como parte fundamental para o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade. Analisa as contribuições dessa prática para aquisição da leitura e da escrita, não somente com a preocupação de atribuir importância ao trabalho coletivo dos docentes das diversas áreas do conhecimento, mas também com a atenção voltada para o desenvolvimento de uma proposta pedagógica que atenda às especificidades de jovens e adultos. O livro é resultado de práticas educativas desenvolvidas com alunos e professores do Ensino Médio do Curso Supletivo do Colégio Santa Cruz. Concomitantemente, era realizado um trabalho de investigação científica que resultaria na dissertação de mestrado desenvolvido pela autora no período de 2003 a 2005.

A obra está dividida em três capítulos que trazem a experiência da autora como professora de Arte no nível supletivo de ensino, ao longo dos quais é analisado um projeto pedagógico que tem por objetivo desenvolver, por meio das Artes, as competências de leitura e de escrita de jovens e adultos alfabetizando. Destaca-se, no primeiro capítulo, a importância do olhar do adulto em relação à Arte, olhar de quem olha, mas não de quem de fato vê. É nesse contexto que a autora (re)afirma o papel da escola como espaço provedor de momentos tanto individuais quanto coletivos de desenvolvimento de atividades artístico-culturais. Neles, os alunos se

expressam e, ao mesmo tempo, conhecem as diferenças culturais, valorizando-as coletivamente. Reitera-se, assim, o conhecimento da História da Arte como mecanismo para a construção da própria identidade.

O público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é reconhecido como o que traz consigo uma vasta experiência de vida e, ao mesmo tempo, um olhar para a Arte como algo mágico, distante de sua realidade. Carbonnel defende a ideia de que cabe uma ação pedagógica conjunta com os professores das demais áreas do conhecimento para o planejamento de atividades em que se possa integrá-las. Partindo da bagagem cultural e da experiência de vida do aluno da EJA, argumenta-se sobre a possibilidade de criar momentos de apreciação de exposições e de peças teatrais seguidas de discussões e registros, evidenciando para jovens e adultos a importância desses elementos na sua formação enquanto sujeitos ativos. Cabe reiterar que essas ações corroboram para aquisição da leitura e da escrita desses alunos.

No segundo capítulo, a autora destaca a visão do jovem e adulto em relação à vida e à escola. Por já ter uma vida social, cultural e emocional desenvolvida, o aluno adulto carece de práticas escolares que partam desses saberes de experiência feitos. Dessa forma, os professores estarão desmistificando a ideia de que a volta à escola serve apenas para recuperar o tempo perdido, sem nenhuma conexão com as necessidades do contexto em que vive.

Pelo estudo realizado, enfatiza-se que o perfil do público da EJA corresponde ao de um grupo heterogêneo, tendo em vista a diversidade cultural das regiões de onde vieram, as diferentes faixas etárias e experiências profissionais, os anseios individuais e coletivos que cada um traz consigo, os modos de falar que os identifica com os lugares de onde migraram, dentre outros. Para esses jovens e adultos a volta à escola surge como uma oportunidade para melhorar de vida e para se inserir no mercado de trabalho. Nesse sentido, a representação da escola como um espaço transmissor e opressor aparece para esse público como elementos caricaturais que outrora foram responsáveis pelo fracasso escolar. Sendo assim, cabe à escola a reelaboração desse espaço numa perspectiva de um ambiente acolhedor e socializador de saberes no qual esse público possa sentir-se seguro e inserido em um ambiente que é seu por direito.

Ressalta-se, dessa maneira, a necessidade de o professor da EJA realizar intervenções que desmistifiquem e que ajudem esses jovens e adultos a se reconhecerem como sujeitos, valorizando seus saberes e suas habilidades, ganhando confiança

para permanecerem nesse espaço e autoafirmarem-se diante desse novo cenário cultural. Partir do contexto do aluno faz-se necessário quando pensamos numa prática educativa que tem como objetivo considerar o sujeito em sua plenitude. E é esse contexto que será tomado como referência para promover e criar práticas escolares que incentivem e envolvam todos os sentidos: o tato, o olfato, a audição e a visão. Portanto, argumenta-se sobre a relevância de o professor intervir nos processos de aprendizagem dos alunos da EJA por meio de práticas educativas que compreendam o desenvolvimento humano em sua totalidade.

No terceiro capítulo, a autora destaca as diferenças entre ver e olhar, fazendo a distinção desses dois elementos que parecem ser, à primeira vista, a mesma ação. Para essa discussão, toma como base a concepção fenomenológica que procura desvelar o objeto para além das aparências, buscando capturar a sua essência, ou seja, com um olhar que estabeleça uma relação dialética com a realidade. Desse modo, a autora sustenta o pressuposto de que o olhar requer uma ação mais próxima e perspicaz do objeto a ser observado. A importância do olhar a partir de sua realidade é ponto de partida para desmitificar a visão ingênua que temos dos objetos e demais paisagens que permeiam o nosso cotidiano. Estimula-se não só a visão, mas também os demais sentidos, apreendendo o mundo de maneira a contemplar todos os elementos existentes.

Conclui-se que não se pode propor uma experiência estética sem intencionalidade; que a intenção é sempre e terá de ser sempre a de despertar a fruição de uma obra de Arte. Por meio da intencionalidade que se expressa pelas práticas educativas acontece todo um processo em que o sujeito se apropria da Arte para reconhecê-la como uma experiência que irá contribuir para sua vida e, conseqüentemente, ampliará sua visão de mundo.

Comungamos com pensamento da autora em relação à importância da Arte para aquisição de novos saberes. Oportunizar a esse público de EJA a experiência de criação e fruição significa contribuir para que esses homens e mulheres sejam verdadeiramente inseridos no contexto social, político e cultural de forma autônoma, reconhecendo-se como ser humano em sua plenitude. Nessa direção, não cabe a nós, educadores e educadoras, julgar jovens e adultos da EJA como pessoas incapazes de aceitar o desenvolvimento de intervenções pedagógicas que buscam construir processos reveladores da provisoriedade e, ao mesmo tempo, da totalidade do conhecimento, para não tratá-lo de forma fragmentada e isolada do sujeito que o produz.

Em síntese, é ressaltado em toda obra que os jovens e adultos em questão devem ter oportunidade de conhecer e reconhecer a Arte como uma área de conhecimento que agrega e que os ajudará na sua formação como ser humano, permitindo a eles enxergar seu entorno como algo passível de transformação.